

# Mídia Informação e Sociedade Brasileira

## Apresentação

### MÍDIA, INFORMAÇÃO E SOCIEDADE BRASILEIRA

**30** de dezembro de 2017. Véspera de mais uma virada de ano. E aqui, neste lugar mais virtual do que propriamente físico, convidamos colaboradores, leitores e simpatizantes da revista Comunicação, Cultura e Sociedade para a leitura de mais uma edição. Dessa vez, a sétima, cujo tema é: **Mídia, Informação e Sociedade Brasileira**.

Ao escolher tal tema para dossiê, a nossa intenção é, primeiramente, ampliar o debate sobre qual é o perfil de imprensa, mas, não obstante, do que é mediação social ou espaço público em um país como o Brasil. Principalmente a partir de um cenário político de tendências reacionárias, extremas, cuja “percepção de/em P&D”, grosso modo: visa desmontar direitos e espaços conquistados nas áreas do ensino e da pesquisa, ao longo de décadas.

Quando se fala em “desmotar”, a referência é: ao congelamento sistemático de incentivos e investimentos na área de Ciência, Tecnologia e Inovação, através da PEC 55/241; ao corte de 44% do orçamento para o Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC); ao fechamento de programas de intercâmbio acadêmico como o Ciência sem Fronteiras; aos atrasos recorrentes de salários aos servidores das universidades públicas; a demissão em massa de professores nas universidades privadas (na Metodista, na PUC); à desvalorização dos profissionais do ensino superior pela opinião pública em geral; à perseguição jurídica e policial a quem trabalha e defende as instituições de ensino superior, que acabou culminando na morte do ex-reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o professor Luiz Carlo Canelier; ao iminente risco de fechamentos de instituições como a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN); enfim, a um novo tempo das trevas em andamento, só que em pleno século XXI

– que em hipótese nenhuma se assemelha ao cantado pelos artistas “globais” nas vinhetas de final de ano da televisão.

Diria se tratar de uma proposta de dossiê de apelo mais político do que acadêmico. Claro! E não podia ser diferente. Chegamos à luz vermelha e dela, pouco se pode avançar, para não usar o verbo recuperar, ou resgatar. E, em certa medida, a Comunicação e sua miríade de meios e significações, o jornalismo industrial, a hipermídia e todo seu sensórium ubíquo, totalizador, são grandes responsáveis diante deste estado de obsolescência a qual a nossa jovem democracia vem vivendo – experimentando a duros “golpes”. Haja vista, a influência das notícias falsas (fakes News) se faz notada nos mais variados estratos da população. Uma variação atual das tradicionais formas de manipulação ideológica de governos ditatoriais do século passado que, quando não deformam profundamente a cultura política e a credibilidade das instituições, constituem um ônus imensurável para as próximas gerações de cidadãos.

A crise institucional e a superestimação dos boatos escancaram um tipo de sociedade e mídia brasileiras às avessas com tudo que as promessas da modernidade sempre preconizaram, a salvação pelo conhecimento, e de flerte no que os modelos autocráticos e totalitários mais sobrepujaram-se para se consolidarem, a ignorância, a intolerância dos coletivos. Um tipo de sociedade brasileira e também de mídia, de informação e de formação acadêmica. Afinal, a culpa deve ser dividida, para que assim, talvez, possamos, além de diagnosticar as nevralgias, apontar para resultados mais alentadoras – Por que não, amigos!?

Imbuída por esta provocação e vislumbrando outros horizontes contornáveis, a edição atual reuniu 10 textos e um ensaio fotográfico.

O primeiro artigo, intitulado **Alguns territórios de Sobral, Ceará**, de autoria de Antonio Freitas e co-autoria da professora Telma Sales, trata da relação da violência urbana com o discurso de marginalização de blogs e sites de notícias e do mercado imobiliário. Uma abordagem que, além de revelar um verdadeiro raio-x de como se cristaliza determinados preconceitos sociais de lugares, abre-nos reflexão para um irreversível processo de banalização da vida dos moradores destes territórios estigmatizados.

O segundo texto traz o debate de gênero em voga. Discussão pertinente não somente para responder estatísticas cada vez mais preocupantes de violência contra a mulher (a cada 7,2 segundos uma mulher é vítima de agressão física, segundo o site Relógios da Violência, do Instituto Maria da Penha), mas, em se tratando de profissionais e estudantes de Comunicação, enxergar a mulher na mídia alternativa, então caracterizada pela resistência à imprensa tradicional, conservadora, machista e hegemônica. Com o título **A presença feminina na mídia independente: análise de representatividade na Agência Pública e Mídia Ninja**, as estudantes Ana Vinhote e Raphaella Sconetto, sob orientação da professora Luciane Agnez (IESB-Brasília), apontam para necessidade de mais inserção feminina também para a mídia independente.

As questões de gênero na imprensa também são contempladas no artigo **O jornalismo como prática discursiva de transformação social ou de manutenção das desigualdades de gênero?**, de autoria das jornalistas e pós-graduandas Jéssica Gustafson e Fernanda Nascimento, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Nesta edição também dedicou espaço a memória da mídia. Olhar que consta no texto **O Ibopeatinga: Nacionalismo, jornalismo e história**, de Rosana Borges, Tiago Abreu e Gustavo Mota, da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Tal como, já que iniciamos falando de incentivos à Ciência, é preciso pensar o status do jornalismo científico no Brasil, e no caso do texto da jornalista e assessora de imprensa Danielle Tavares (Unemat), **analisar o lugar da ciência e tecnologia como pauta nos jornais de Mato Grosso**. Um dos poucos textos “endógenos” desta edição.

Também não faltou debate sobre as novas tecnologias de informação e comunicação e seus impactos sociais nos limiares do sentido do que é público, privado, seguro ou vigiado. São os textos **Os drones na Folha de S. Paulo: reflexões sobre vigilância e direitos humanos**, de Gabriel Santos e Isabella Sander, sua orientadora, do Rio Grande do Sul; e o **Do impresso ao snapchat: a efemeridade enquanto característica essencial do jornalismo**, do Eduardo Vasconcellos, mestrando em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

**Espaço público, cobertura jornalística e vida cotidiana**, combinados e/ou isolados, são a tônica do texto de Miriam Abreu. Enquanto **fact-checking e fake news** constituem objetos de análise minuciosa da pesquisadora Marília Gehrke. Temas atualizadíssimos para falar do Brasil da violência gratuita e, por tabela, do esvaziamento de legitimidade dos dispositivos de conhecimento e informação. O que, não por acaso, traduz o estado necrótico das instituições democráticas.

Por fim: o ensaio fotográfico intitulado **O lugar da fotoetnografia nas aulas de Jornalismo**, segundo Luiz Achutti, que foi desenvolvido pelo professor Lawrenberg Silva. Trata-se de um trabalho desenvolvido em atividades de campo que, ora reflete sobre o papel do fotografo na realidade, ora pode apresentar elementos valiosos para vislumbrar o que tender-se-ia a caracterizar a memória social de um país com especificidades históricas e geográficas como Brasil, a partir da forma como os meios interferem em uma dada realidade.

A equipe da revista Comunicação, Cultura e Sociedade deseja uma boa leitura!

**Lawrenberg Advíncula da Silva**

Editor-geral

30, dezembro de 2017.